

O TEMA DA ESCRAVIDÃO A PARTIR DA NARRATIVA DA MÃE DOS FILHOS DE ZEBEDEU (Mt 20.20-28) À LUZ DA TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL

THE THEME OF SLAVERY FROM THE NARRATIVE OF THE MOTHER OF THE SONS OF ZEBEDEU (Mt 20.20-28) IN THE LIGHT OF THE THEOLOGY OF INTEGRAL MISSION

Cláudio Araújo Machado¹

Resumo: O objetivo deste artigo é desenvolver o tema da escravidão a luz da perícopes de Mt 20.20-28, que narra o diálogo e pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, Jesus lança luz sobre o tema da escravidão. A partir desta perspectiva se deseja analisar os pressupostos de exegetas evangélicos conservadores, a luz da tradição reformada e como isso, pode influenciar em uma análise do texto, pois, esses pressupostos priorizam uma linha metafísica sobre os fatos narrados. Observa-se as diferenças dos termos escravidão na Palestina dos tempos bíblicos e trabalho análogo a escravidão na modernidade, tudo isto para que se tenha uma ideia das diferenças entre termos e conceitos cada qual em seu período respectivo.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus. Escravidão. Mãe dos filhos de Zebedeu. Teologia da Missão Integral.

Abstract: The aim of this article is to try to demonstrate that from the pericope of Mt 20.20-28, which relates the dialogue and request of the mother of Zebedee's children, Jesus sheds light on the theme of slavery. This article is the assumptions of interpretation of conservative evangelical exegetes, the light of the reformed tradition and how this, can influence an analysis of the text, because these assumptions prioritize a metaphysical line over the facts narrated. It is observed the differences of the terms slavery in Palestine of biblical times and work analogous to slavery in modernity, all this so that one has an idea of the differences between terms and concepts each in its respective period.

Keywords: Gospel of Matthew Slavery. Mother of the children of Zebedee. Theology of the Integral Mission.

Introdução

A mãe dos filhos de Zebedeu na narrativa de Mt 20.20-28, intervém em favor dos filhos pedindo a Jesus, posição e distinção.

Jesus dialoga com a mulher e em seguinte dirige-se aos discípulos para alertá-los sobre o problema tirânico que domina as nações. De fato, este poder que domina e tiraniza gera escravidão, injustiças, cerceamentos entre outras mazelas.

¹ Mestrando em Teologia (2020-2021), pela Faculdade de Teologia da PUC-SP, Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de Origem Brasil. E-mail: claudioamacha@gmail.com

A narrativa nos permite perceber o tema da escravidão gerada a partir do processo do poder tirânico.

Neste sentido convém fazer uma análise crítica, histórica e sociológica a fim de aproximar o leitor na realidade da Palestina ao tempo de Jesus de Nazaré que vivia sobre o julgo do Império Romano².

Partindo deste pressuposto, se propõe a ver como os intérpretes evangélicos apresentam, a partir de sua hermenêutica e pressupostos, analisam esta narrativa bíblica, a fim de apresentar aos leitores uma ampla visão do que está envolvido no diálogo entre Jesus e seus discípulos.

Parte importante deste artigo é a análise do conceito de escravidão na Palestina nos tempos de Jesus, partindo da narrativa de Mt 20.20-28, que descreve o poder dominador e tirano, se deseja analisar a escravidão neste ambiente e como se define modernamente o mesmo conceito, apontando as diferenças, e, se houver as igualdades dentro do tema. E por que fazer isso? Fazer com que o leitor, que está separado pelo tempo e espaço enxergar a problemática de maneira mais clara possível. Tentarmos chegar a uma real interpretação e conseguir aplicá-la de modo firme e coerente com a questão proposta.

1. A Problemática que envolve a perícopos na perspectiva dos biblistas evangélicos

Teria Jesus uma mensagem para a questão da escravidão? Baseando-se no pedido da mãe na narrativa de Mt 20.20-28, ela pode nos dar pistas sobre o tema, porque se partirmos da interpretação de uma corrente de exegetas evangélicos, se poderia dizer que possivelmente não. Isso provavelmente se deve pela aplicação do método hermenêutico utilizado.

Vikler apresenta a seguinte análise hermenêutica: “No estudo da Bíblia a tarefa do exegeta é tão intimamente quanto possível o que Deus queria dizer em tal passagem e não o que ela significa para mim”.³ Continua Vikler: “A perspectiva conservadora dos exegetas evangélicos de interpretação é que Deus operou por intermédio das personalidades dos escritores bíblicos de tal modo que, sem suspender seus estilos

² Encontramos inúmeras interpretações desta perícopos do ponto de vista da ortodoxia interpretativa, que utilizam mecanismos e uma chave hermenêutica apoiada nos reformadores, tendo como base a interpretação literal do texto e a busca de respostas dentro do próprio texto bíblico. Grifo do autor.

³ VIKLER, H. *Hermenêutica Avançada Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. São Paulo. Editora Vida, 1998, p.14-15.

persoais de expressão ou liberdade, o que eles produziram foram literalmente soprado por Deus (cf 2Tm 3.16; θεόπνευστος). A ênfase do texto é que a própria Escritura, e não só os escritores foi inspirada (Toda a Escritura foi inspirada por Deus)⁴.

É importante entender como os reformadores pensavam a respeito do modo de interpretação bíblica especialmente Lutero e Calvino.

Lutero entendia que a igreja não deveria determinar o que as Escrituras ensinam; pelo contrário, as Escrituras é que determinavam o que a Igreja ensina. Rejeitou o método alegórico de interpretação das Escrituras, chamando-o de “sujeira”, “escória” e “um monte de trapos obsoletos”. De acordo com Lutero, um modo adequado de interpretação da Escritura, deve proceder de uma interpretação literal do texto. O intérprete deve considerar em sua exegese, as condições históricas, a gramática e o contexto.⁵

Já Calvino considerado o maior exegeta da Reforma concordava de modo geral com os princípios articulados por Lutero. “A Escritura interpreta a Escritura”, era uma sentença predileta de Calvino a qual aludia a importância que ele dava ao estudo do contexto, da gramática, dos estudos das palavras, e de passagens paralelas em lugar de trazer para o texto o significado do próprio intérprete.⁶

É importante entender como os reformadores faziam exegese e interpretação dos textos bíblicos, pois, isso é paradigma de modo geral para a grande maioria dos intérpretes evangélicos conservadores.

Sobre isso Vikler diz:

Durante os últimos 200 anos continuou haver intérpretes que criam que a Escritura representa a revelação que Deus faz de si próprio, de suas palavras e de suas ações à humanidade. A tarefa do intérprete, continua ele, no entender deste grupo, tem sido procurar compreender mais plenamente o significado mais intencional do primitivo autor. Empreenderam-se, estudos da história, da cultura, da língua e da compreensão teológica que cercam os primitivos beneficiários a fim de que se entenda o que a revelação bíblica significava para esses beneficiários⁷.

Por que seria importante a utilização das ciências sociais no estudo do Novo Testamento?

⁴ Para Vikler. H. *Hermenêutica Avançada Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*.: “Deus guiou os autores bíblicos de tal modo que seus escritos trazem o selo da inspiração divina”.

⁵ Lutero acreditava que a Bíblia é um livro claro (a perspicuidade da Escritura), diferente do dogma romano de que as Escrituras são um livro obscuro e que somente a igreja pode revelar seu significado. VIKLER, p. 48.

⁶ VIKLER. H. *Hermenêutica Avançada Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*.

⁷ VIKLER. H. *Hermenêutica Avançada Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*.

É importante salientar que a sociologia já havia sido exercitada pela Crítica das Formas, o início do século XX, por meio de uma abordagem mediada pela sociologia da literatura que buscava identificar formas e gêneros literários segundo a estrutura que recebem a partir de contextos sociais específicos. No entanto, o surgimento da Crítica da Redação, logo após a Segunda Guerra Mundial, minimizou os estudos sociológicos, levando os pesquisadores a investir no novo método. O interesse sociológico retornou nos anos 70 do século passado. Deve-se, no entanto, considerar que os estudos sociológicos e antropológicos dos evangelhos se desenvolveram de modo mais intenso na década seguinte.

Leonel sobre isso diz: “A análise de cunho antropológico se dá essencialmente através da antropologia cultural. De modo geral, pode-se dizer que:” ‘Esta abordagem relaciona-se com a sociológica, mas está interessada em um conjunto mais amplo de fatores da vida humana e comunitária: linguagem, arte, religião, vestuário, costumes folclóricos (celebrações, danças, festas), mitos e lendas. A abordagem antropológica investiga as diferenças entre a vida urbana e a rural e os valores cultivados em diversos tipos de sociedade. Também estuda fatores da existência humana como honra e vergonha, discrição e privacidade, educação e escola, família e lar; as relações entre homens, mulheres e crianças, entre patrões e empregados, proprietários e locatários, pessoas livres e escravos, benfeitores e beneficiários”⁸.

No caso específico da narrativa de Mateus, pois é sobre a perícopes em destaque que se está analisando, as abordagens desenvolvidas sob a rubrica das ciências sociais buscam descrever principalmente o contexto no qual o evangelho surgiu e a influência exercida por ele na interpretação do texto.

Um dos limites dos métodos observado por exegetas evangélicos conservadores, porém, desconsidera totalmente o aparato sociológico do contexto envolvido, abandonando questões que certamente trazem luz a mensagem de Jesus.

2. Análise formal e a utilização dos comentários de Mt 20.20-28

Artuso e Pereira em seu artigo, dividem esta perícopes em duas seções analisando-as da seguinte forma:

⁸ LEONEL. J. Mateus o Evangelho. São Paulo. Editora Paulus, 2013, p. 30-31.

Na perícopie em análise Jesus aproveita a discussão dos discípulos para ensinar-lhes sobre humildade e serviço no Reino de Deus. O diálogo da perícopie é provocado pelo pedido da mulher em favor de seus filhos Tiago e João (vv. 20-23). Esse primeiro diálogo provoca a reação dos demais discípulos (v. 24), o que oportuniza o diálogo de instrução de Jesus (v. 25-28). O texto analisado contém ditos enigmáticos, mas como não despertaram perguntas por parte dos discípulos, não foram esclarecidos por Jesus, isto é, não receberam revelação. Um exemplo é a fala de Jesus que os lugares à sua direita e à sua esquerda são para aqueles a quem “está preparado por meu Pai” (v. 23b). Outro exemplo, no v. 28, quando diz que vai “dar a sua vida em resgate de muitos”⁹.

Kolpikz em seu artigo intitulado *The Cup of Death* (O Cálice da Morte) considera que o seu ‘método’ de análise bíblica¹⁰, que segue os seguintes pressupostos em sua análise da perícopie: “Essa narrativa é uma série de perguntas e respostas. Curiosamente, os filhos de Zebedeu estão pedindo a Jesus para exaltá-los. Jesus ofereceu mais informações sobre o Reino dos Céus.

O autor do Evangelho de Mateus esconde a manobra para posição dentro do círculo interno. Pedro, Tiago e João eram o círculo íntimo de Jesus. Tiago e João eram irmãos e provavelmente decidiram encenar um cupê a fim de deslocar Pedro, que estava emergindo como o líder dos Apóstolos. Em vez de ter os dois homens se aproximando de Jesus, o autor tem sua mãe fazendo isso. Na superfície, parece incomum que sua mãe intervém em seu nome. Os dois homens eram adultos. Jesus está oferecendo uma profecia no versículo 23?

Quando os dois irmãos dizem que estavam dispostos a beber do Cálice da Morte, eles estavam aceitando a profecia de Jesus. Essa profecia era que seus discípulos seriam executados por seu discipulado, assim como Jesus.

O que diz a reação dos dez discípulos?

Política! Mesmo no pequeno círculo de treze pessoas, a política estava acontecendo. Uma hierarquia estava tentando ser formada. Jesus foi claro que isso não deveria acontecer. Após a morte de Jesus, o desejo humano por um controle criou um sistema político dentro dos apóstolos. Quando Paulo desafiou Pedro em 48 d.C., no Conselho de Jerusalém Paulo deixou claro que ele rejeitou a autoridade de Pedro e os apóstolos originais. A primeira divisão na igreja tinha ocorrido. A igreja se dividiu em denominações ao longo dos anos sempre teve uma base na política, dinheiro e controle.

⁹ ARTUSO.V. PEREIRA. E. Análise da forma literária de Mateus 20.20-28 segundo a teoria de Klaus Berger. Curitiba. Revista de Cultura Teológica, 2016 p. 206-207.

¹⁰ KOPLITZ. M. H. Hebraic Analysis for Matthew, 20.20-28. Academia.edu. 2020, p. 11-12.

Diz-se que a igreja não apresentou as palavras de Jesus. É uma falha óbvia na humanidade.

O que Jesus quer dizer nos vv. 25 a 28? O mundo material nos dias de Jesus e hoje, de fato, em toda a história registrada humana, como tinha uma coisa em comum. O sistema que os humanos desenvolveram era que os homens (hoje mulheres) lutassem entre si por posições de poder. Na época de Jesus, era para se tornar o Rei ou Imperador. Os homens queriam governar os outros não para o aperfeiçoamento do povo, mas sim para a riqueza que eles poderiam acumular. Eles tributaram o povo, e eles construíram palácios e criaram fortunas para si e seus filhos. Jesus queria um sistema diferente na Terra onde as pessoas se importavam e se respeitavam. Na Terra, isso seria considerado uma ideia utópica. No entanto, no Reino dos Céus, era para ser uma realidade. Jesus ensinou seus discípulos a serem humildes, mansos e apenas em seu comportamento e relacionamentos. Até o povo hebreu tinha sido corrompido. Eles estavam nas garras da política corrupta, falsos profetas, e um sistema corrupto de sacerdotes, mestres da Lei, fariseus, sumo sacerdotes, chefe dos sacerdotes e saduceus. O povo se desviou da proposta do Senhor Deus que receberam no Monte Sinai após o Êxodo. Tudo é do Senhor Deus, e somente o Senhor Deus deve receber honra, louvor e glória. Infelizmente, hoje a igreja espera que honra, louvor e glória sejam dados aos seus líderes”¹¹.

Carson faz a seguinte abordagem: “Lucas faz paralelo com Mateus antes e depois dessa perícopes, mas a omite (cf. Mc 10.35-45). Ele tem um relato um tanto similar (cf. Lc 22.34-30), mas que, provavelmente, ocorre em uma ocasião distinta. Mais uma vez, retorna a questão de posição (cf. 18.1-5). Apesar das repetidas predições de Jesus de sua paixão, dois discípulos e sua mãe ainda estão pensando a respeito de privilégio, posição e poder”.¹²

A ideia de à ‘direita’ e à ‘esquerda’¹¹ sugere proximidade com a pessoa do Rei e, por isso, o compartilhamento de seu prestígio e poder. Essas posições crescem à medida que o Rei é respeitado e tem poder absoluto (cf Sl 16.11; 45.9; 110.1; Mt 27.64; At 7.55,56) ...; em Mateus, conforme Carson: o ‘Reino’ é o reino de Cristo (13.41-43; 25.31-46), identificado como a igreja, e, por isso, a mudança de ‘glória’ para ‘reino’ quer dizer que, agora, a história original é aplicada à competição pela liderança na igreja. Mas, já

¹¹ KOPLITZ, M. H. *Hebraic Analysis for Matthew 20.20-28*. Academia.edu. 2020, p.14-17.

¹² Em sua interpretação Carson continua: “20 Em Marcos, João e Tiago falam eles mesmos com Jesus; aqui, isso é feito por intermédio da mãe deles. Muitos acham isso improvável do ponto de vista histórico porque no versículo 22, Jesus responde apenas para os filhos dela”. CARSON, D.A. *O Comentário de Mateus*. São Paulo: editora Shedd Publicações 2011, p. 501-502.

vimos que, em Mateus, ‘Reino’ nunca é identificado com a ‘igreja’... Como o Reino vem em estágios, não há diferença substancial entre Mateus e Marcos: o reino aqui é o reino do Messias na consumação... O que os filhos de Zebedeu e a sua mãe pedem é que eles compartilhem a autoridade e proeminência do Jesus Messias quando seu reino for totalmente consumado – algo que eles acham que está próximo sem a cruz ou sem nenhum período entre os adventos.

As palavras adicionais ‘ser batizados com o batismo com que eu sou batizado’ – e de modo similar no versículo 23 – são quase com certeza uma assimilação de Marcos 10.38,39. A resposta de Jesus não é severa, mas mistura firmeza e sondagem. Muitas vezes, é a ignorância que busca liderança, poder e glória: os irmãos não sabem o que estão pedindo. Pedir para reinar com Jesus é pedir para sofrer com ele; e eles não só não sabem o que estão pedindo (cf. 10.37-39; Rm 8.17; 2Tm 2.12; Ap 3.21), mas ainda não tem uma percepção clara do sofrimento de Jesus. Pedir riqueza mundana e muita honra, com frequência, é pedir grande sofrimento (cf. 2Co 11.23-33; Cl 1.24; Ap 1.9).¹³

Carson como podemos avaliar utiliza do método conservador de interpretação da perícopes, percorrendo assim o corpo do texto para expor sua linha de raciocínio, desconsiderando o caráter sociológico envolvido. É importante continuarmos a observar sua análise nos versículos que se seguem.

A indignação dos outros dez, sem dúvida, derivou-se menos da humildade que do ciúme somado ao temor do que eles podiam perder. Embora esses versículos dificilmente sustentem o igualitarismo – afinal, escolha de posições será atribuída – eles demonstram que o interesse no igualitarismo pode mascarar um ciúme cuja origem mais profunda não é a preocupação com justiça, mas com o ‘próprio interesse’. Os discípulos voltam à discussão de um período anterior (cf. Mc 9.33-37; Mt 18.1). Jesus chama-os e apresenta um contraste entre a grandeza entre τὰ ἔθνη (pagãos ou gentios, v. 25) e a grandeza entre herdeiros do reino. Os pagãos, ou gentios que viriam a mente seriam os romanos: poder e autoridade caracterizavam seu império. O verbo ‘dominam’ na NVI (Nova Versão

¹³ “Na imagem do Antigo Testamento, o ‘cálice’ (cf 26.39) refere-se caracteristicamente a julgamento ou retribuição (cf Sl 75.8; Is 51.17,18; Jr 25.15-28). Se os discípulos tivessem aprendido alguma coisa das predições de Jesus de sua paixão, é provável que eles pensassem que a linguagem, em parte, fosse exagerada (Jesus usa hipérbole em outras passagens [e.g., 19.24]) e se refere ao conflito escatológico durante o qual o lado do Messias sofreria baixas; mas dificilmente isso seria muito grave para quem podia acalmar tempestades e ressuscitar indivíduos mortos”. CARSON, D.A. O Comentário de Mateus. São Paulo: editora Shedd Publicações 2011, p. 502-503.

Internacional da Bíblia) dá uma falsa impressão. Jesus não está criticando abuso de poder em estruturas políticas – o verbo nunca tem esse sentido¹⁴.

Carson continua seu pensamento sobre a perícopre escrevendo: “Grandeza entre os discípulos de Jesus baseia-se no serviço. Qualquer um que queira ser grande deve se tornar ‘servos’ (διάκονος: v. 26) de todos. Aqui, diakonos não quer dizer “diácono” nem “ministro” (KJV- King James Versão) no moderno uso da Igreja..., Mas a não ser que a plena força de seu ensinamento seja perdida, Jesus repete isso no versículo 27 com uma palavra mais forte ‘escravos’ (δούλος: cf. 1Co 9.19; 2Co 4.5; 1Pe 1.22; 5.1-3). No mundo pagão, a humildade era vista não tanto como uma virtude, mas como um defeito. Imagine dar a liderança a um escravo! A ética de Jesus da liderança e do poder em sua comunidade de discípulos era revolucionária”¹⁵.

Champlin escreve sobre a perícopre, utilizando os mesmos métodos e define da seguinte forma: “A grandeza se alicerça sobre o serviço (20.20-28). Esta seção, que consiste dos vv. 20-28, constitui-se de duas porções: de uma breve história (vv. 20-23), cujo ponto central é o v.23, e um pequeno grupo de λόγῶν (palavras), relacionados a grandeza, conforme Deus vê, a verdadeira grandeza espiritual. O v. 24 vincula duas porções entre si, sendo uma observação editorial da parte do autor deste evangelho. As lições centrais são que o próprio Deus é quem escolhe aqueles que receberam honrarias especiais, e que entre os discípulos de Jesus a verdadeira grandeza se baseia no serviço humilde. Essas declarações de Jesus têm paralelos em Mc 10.35-45, e a fonte informativa delas é o *protomarcos*”¹⁶.

Champlin dando continuidade à sua interpretação escreve ainda sobre esta parte: “*E quem quiser*”. Em ambos os casos o verbo *será*, embora futuro no grego, conforme a tradução indica, provavelmente tem a força do imperativo, como ocasionalmente sucede na gramática grega. Jesus não estava meramente oferecendo um conselho, mas fez uma afirmação acerca do que caracteriza a verdadeira grandeza espiritual. O padrão de Napoleão tem-se demorado demasiadamente entre nós. Jesus quer que os seus seguidores sejam tão grandes quanto desejam, mas prefere que tenham a grandeza autêntica, imorredoura. Aqueles que, à semelhança de Napoleão, enchem as páginas da história com

¹⁴ “*kata kurieuvein*, deve ser traduzido por ‘exercer domínio’ paralelo a ‘exercer poder sobre’ na linha seguinte, mas insiste que as próprias estruturas não podem elas mesmas ser transferidas para o relacionamento entre seus seguidores. CARSO, D.A. O Comentário de Mateus. São Paulo: editora Shedd Publicações, 2011, p.504.

¹⁵ CARSO, D.A. O Comentário de Mateus. São Paulo: editora Shedd Publicações, 2011, p.504.

¹⁶ CHAMPLIN, R.N. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: editora Hagnos 2002, p.501.

ódio, violência e opressão, não são os verdadeiramente grandes. Sim, é um triste fato que os grandes assassinos da história são considerados os maiores vultos, como Alexandre, que chorava porque não tinha mais mundos para conquistar. Jesus, entretanto, fala de modo diferente, pois está completamente divorciado dos conceitos mundanos e carnis.

Nesse caso, o último será realmente o primeiro, porque é o escravo de todos que é realmente o rei do mundo... a aristocracia do Reino de Cristo é formada de servos e escravos, aqueles que se tem despedido de sua grandeza pessoal e aceitado a grandeza espiritual do humilde Jesus de Nazaré. Quão contrário isso é as nossas naturezas, pois todos nós preferimos conservar a atitude de Napoleão, julgando tudo segundo os padrões terrenos! Quão repleta está ainda a igreja de ódio, contenda, descontentamento e muitas lutas para obtenção das posições chaves! Quantas igrejas se tem cindido, tornando-se estéreis e repugnantes aos sentidos espirituais porque os homens dominam sobre outros homens, porque os homens traem o espírito de Cristo e desejam governar ou arruinar!

Quão grande é a lição que ainda devemos aprender antes de apresentarmos qualquer coisa que seja uma autêntica expressão de Jesus a compreensão sobre as exigências da ética cristã! Quão bem sabemos o que Jesus disse; e, no entanto, quão raramente obedecemos ao que ele ordenou! Paulo deixou-nos exemplo, porque embora fosse grande à sua maneira, antes de sua conversão tornou-se servo de todos os homens, para que pudesse conquistar alguns a Cristo. Ao assim agir, tornou-se um dos líderes entre os homens, embora se reputasse o último dos apóstolos, ou melhor, o menor do último de todos os santos”¹⁷.

Bruce seguindo a mesma linha de raciocínio diz: “Que os discípulos tiveram maior dificuldade de entender a terceira predição da Paixão do seu Mestre [...] é demonstrado não apenas pela afirmação explícita de Lc 18.44, mas também por esse pedido feito a ele por Tiago e João para que pudessem se sentar um em cada lado dele na sua *glória* (v. 37). Com isso, queriam dizer o reino messiânico (Mt 20.21) que ele estava para estabelecer, como eles imaginavam. Jesus se negou a atender ao pedido deles, explicando que a questão em consideração não estava no escopo da sua jurisdição pessoal. Não obstante, indicou, por dedução, que a questão dependeria, ao menos em parte, da disposição dos seus seguidores de sofrer por causa dele. Descreveu esse sofrimento metaforicamente

¹⁷ “Os apóstolos, pois, sabiam de todas essas coisas ou de outras similares, e, no entanto, em seu próprio círculo apostólico, não se mostravam muito diferentes. Oh, não exerciam violência física, mas os seus espíritos ocasionalmente mostravam-se violentos”. CHAMPLIN. R.N. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: editora Hagnos, 2002, p. 504.

como beber do seu cálice e ser batizado com o seu batismo, figuras de linguagem que, embora sugerissem o sofrimento até a morte, e significando isso no caso do próprio Jesus, não significaram isso necessariamente no caso de outras pessoas (cf Is 5.17; 43.2). Por isso, Jesus perguntou a Tiago e João se eles estavam preparados para suportar essa provação. Quando eles responderam afirmativamente, ele lhes disse que essa seria de fato a sua experiência, uma predição que foi cumprida no fato de Tiago ter sido morto a espada (At 12.2) e no fato de João ter sido exilado na ilha de Patmos, segundo Bruce (Ap 1.9). Mas os sofrimentos desses homens eram comparáveis com os de Jesus somente em sentido limitado, pois não foram, evidentemente, sofrimentos expiatórios.

O pedido inoportuno de Tiago e João foi sucedido de uma reação igualmente inoportuna dos outros apóstolos. Falando a todos os 12, portanto, Jesus explicou a eles (...) no que consistia a verdadeira grandeza espiritual. Ele lhes mostrou que enquanto no reino dos homens o teste de grandeza está no número de pessoas que alguém consegue controlar (v. 42), no seu Reino está no número de pessoas que alguém pode ajudar. Ele ressaltou que a mais alta honra a que um homem poderia aspirar não consiste em ocupar os postos principais dos reinos, mas em servir outras pessoas. Como exemplo disso, ele citou sua própria atitude, pois veio para servir. É bem provável que, por dedução, ele fez a reivindicação aqui de cumprir o papel do “Servo” de Deus predito em Is 52.13–53.12...; pois ele retratou o seu ato supremo de serviço a favor dos homens como dando a sua vida em resgate por muitos. A palavra “resgate” implica libertação de servidão por meio do pagamento de um preço”¹⁸.

Alguns dos estudiosos evangélicos expõe quase que de forma consensual a questão resolvida como uma atitude subjetiva e de foram alguma aponta como um pecado ou minimamente um problema estrutural. Seria realmente isto!?

Veremos isto na análise sócio-político de Carter, que nos propõe e lança luz sobre a questão que está sendo objeto de pesquisa.

Carter faz a seguinte abordagem, a luz dos versículos anteriores a esta perícopie em análise: “Poder-se-ia esperar que tal anúncio despertasse expressões de preocupação ou apoio para Jesus da parte dos discípulos. Mas eles estão calados, talvez uma melhoria irônica sobre o protesto de Pedro de 16.22, (onde Jesus anuncia sua morte e ressurreição). A recusa para aceitar seu modo de fidelidade, que conduz ao sofrimento e humilhação, é expresso por uma personagem nova. Sua aproximação e pergunta estão intimamente

¹⁸ BRUCE. F.F. Comentário Bíblico NVI Antigo e Novo Testamento. 2ª edição. São Paulo: editora Vida Acadêmica, 2017, p. 1119.

ligados a 20.17-19. Em vez de compaixão, há ambição e um desejo pelo poder entre os discípulos; *a mãe dos filhos de Zebedeu aproximou-se dele, com seus filhos, e ajoelhando-se diante dele lhe pediu algo*. Ela (anônima, mas apresentada por seu lugar em uma família patriarcal como mãe e esposa) não foi mencionada previamente, entretanto Zebedeu figurava na história de vocação, quando Tiago e João deixaram o trabalho de pesca familiar para seguir a Jesus. Os dois irmãos têm alguma proeminência por ter sido chamados no primeiro grupo dos discípulos (4.21-22; 10.2) e testemunhado a transfiguração (17.1-8). Enquanto o refletor recai na mãe e seu pedido ambicioso, os dois filhos não se opõem. A pergunta dela parece ser a deles (cf 20.22-24)¹⁹.

Embora presentes para ouvir a predição de Jesus nos vv. 17-19, eles não estão preocupados com ele, mas com suas posições no império futuro. A referência à ressurreição (20.19), como também sua instrução sobre a recompensa no reino futuro (19.27-30), preparam para este assunto. A aproximação dela é deferente reconhecendo a autoridade de Jesus. O verbo respeitoso *aproximou-se* (ver 4.3; 5.1; 8.2) é reforçado pelo ato de *ajoelhar-se*, uma ação de discípulos (2.2,11; 8.2; 9.18; 14.33) e de outra mulher que busca a ajuda de Jesus para sua filha (15.25). Ela *lhe pediu algo* é um ato de oração (6.6; 7.7-11; 18.19). Estes três verbos, junto com a associação com seus dois filhos, o contexto de instrução privada (20.17), e seu comparecimento subsequente na cruz com outras mulheres (27.55-60) sugere que ela é uma discípula. Talvez tenha deixado o marido e casa para vir atrás (cf 19.29). Mas os discípulos são capazes de pedidos e ações impróprios (19.10-13). Os três verbos também aproximação hostil (19.3), reverência/genuflexão falsa (2.8; 4.9), e pedidos assassinos (14.7-12, com uma mulher como sujeito)²⁰.

¹⁹ Direita e esquerda vêm da ideia de governo Persa/Babilônico e reis vassalos, traz consigo a ideia de domínio chamado Sistema de Governo. O Grande Rei quando presidia o conselho dos nobres e reis vassalos. (grifo do autor).

²⁰ “20.21 - Jesus a convida a fazer seu pedido: E ele perguntou: ‘O que queres?’ O mesmo verbo denota pedidos impróprios em 19.17-21. A deferência e respeito evidentes em 20.20 desapareceram quando ela ordena a Jesus: Declara (um imperativo) que estes meus dois filhos se sentarão, um a tua direita e outro a tua, em teu império. Compare os pedidos de outros pais por cura, não por poder, para seus filhos (9.19,19-23-26; 15.21-28; 17.14-28). A pergunta dela, entretanto, mostra alguma compreensão. Ela sabe que Jesus será vitorioso, estabelecerá o império de Deus, e que os discípulos tomarão parte nesse reinado (19.28). Mas, eles querem seus tronos agora! Ela e seus filhos não entenderam a natureza do império de Deus e seu papel nele. Eles devem estar com os marginais e humilhados (18.1-14). Eles são crianças (19.13-15). Seu governo (19.28) não consiste em dominação, prestígio e influência para eles (esquerda e direita são lugares de proximidade e honra). Não imita estruturas imperiais e padrões sociais hierárquicos (antecipando 20.25). Pelo contrário, é um modo diferente, aquele de humilhação e serviço”. CARTER. Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: editora Paulus, 2000, p.503-504.

A resposta de Jesus está no plural, pois ele reprovava a mãe e os filhos, Mas Jesus respondeu: *‘Não sabeis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que eu estou a ponto de beber?’* A metáfora de *beber o cálice* se refere ao sofrimento que poderes imperiais (frequentemente como agentes da ira de Deus) causa no povo (Ez23.31-34; Jr 49.12). Jerusalém experimentou este sofrimento em sua queda para a Babilônia em 587 (Is 51.17-23; Jr 25.15,17,28-29; Ez 23.31-33). Por sua vez, Babilônia o experimenta (Is 51.23; Jr 25.12-14), como faz Jerusalém nas mãos de Roma (Sl 16.5; 116.13). Pelo sofrimento de Jesus nas mãos da elite, será realizada a salvação de Deus. Ele regressará para estabelecer o império de Deus. Os discípulos participam nessa vitória (1.21; 19.27) por fidelidade na tribulação presente (10.16-39; 24). A mãe e os discípulos afirmam que eles podem permanecer fiéis (*Podemos*).²¹

Carter entra na questão de maneira peculiar: “Jesus afirma fortemente o contraste entre esta estrutura imperial e social normativa e a práxis política e social alternativa da comunidade de discípulos. *Não deverá ser assim entre vós*. As palavras de Jess são uma rejeição categórica de tal sistema. Ele oferece uma práxis alternativa de poder e comunidade. *Mas quem quiser ser grande entre vós, deverá ser vosso servo*. Em 18.1-4 ser grande no império de Deus significa ser como uma criança, alguém que é socialmente marginal, impotente, vulnerável, insignificante, perigoso até onde o centro está preocupado. Igualmente aqui. Jesus localiza a identidade e estilo de vida dos discípulos novamente nas margens. O ponto se repete comparando *grande* e *primeiro*, *servo* e *escravo*. *Quem quiser ser o primeiro dentre vós, deverá ser vosso escravo*. Ver 6.24; 10.24-25.

O vínculo de governo e servidão está presente em uma tradição helenística do rei ideal como o servo de seu povo. Os cínicos utilizaram a tradição para descrever o filósofo-governante, seja literalmente um rei (Sêneca, Ep 90.5; Musônio Rufo 61-65) ou alguém que toma parte no reinado de Zeus sobre toda a humanidade governando, servindo, e dando a vida (Epicteto, Diss 3.22,54-61,77-85; 4.30-32)²². Claramente esta tradição é um ideal. Jesus ataca a realidade de governo imperial como experimentado pela não-elite.

Usando imagens de *escravo/servo*, Jesus evoca um sistema de dominação difundido, aceito e complexo no mundo do primeiro século. As discussões de administração doméstica desde Aristóteles (cf Pol 1.2.1) atestam o governo do senhor sobre escravo(s) como a terceira relação doméstica (marido-esposa; pai-filho; ver

²¹ Para Carter, Jesus não contesta sua declaração, mas enfatiza que o caminho da cruz de sofrimento, humilhação, vergonha, marginalidade e morte está diante deles: Ele lhes disse: “Sim, beberei de meu cálice”. CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: Editora Paulus, 2000, p. 504.

²² Seeley, “Rulership and Service” (apud), p.234-250.

19.16)²³. Sêneca, apesar de certos sentimentos mais nobres (Ep 47), afirma este sistema de dominação; ‘o mais honesto e capaz de ação boa’ governa sobre o inferior e obediente (De Bem 3.19.1-38.3). Os escravos são subservientes, dependentes de seu senhor, propriedade, sem nenhuma autodeterminação, à mercê de seu dono, prontos para obedecer, impotentes, com poucos direitos legais, espancados, alienados de qualquer existência social autêntica, sem honra, menosprezados pela elite. Ver 8.9; 13.27-28; 18.23,24,26-29”.²⁴

Fazendo um comentário sobre este status de intruso, Wiedemann diz: “Em um mundo onde o cidadão (adulto masculino) estava no centro da atividade humana, a escravidão representava o outro pólo de participação mínima na humanidade, e o escravo vinha a simbolizar o limite da existência social”²⁵.

Patterson diz: “O escravo era uma pessoa marginal, vivo fisicamente, mas socialmente morto, um estranho existindo à beira da sociedade e da família, mas um participante na sociedade humana só pelo serviço a um senhor”.²⁶

Carter continua em sua análise dizendo: “Havia pequeno questionamento da existência ou normalidade da escravidão. Certamente experiências de escravo eram muito diversas, dependendo do tipo de trabalho e caráter do senhor. Alguns observaram alguma melhora nas condições ao longo do primeiro século e atribuíram isto diversamente a maior interação social com escravos em associações voluntárias, posições mais prestigiosas e poderosas assumidas por escravos educados e qualificados, e influência estoica”²⁷. Mas, com tudo isso, Sêneca (De Bem 3.21; Ep 47.14), como Cícero no século prévio (De Off 1.13.41; 3.23.89-92), ainda tem de insistir no dever do senhor para alimentar adequadamente o escravo. E sem importar de que maneira melhorou suas condições, a escravidão permaneceu um sistema de dominação e propriedade de um ser humano por outro.

Por que, então, Jesus invoca esta imagem para identificar os discípulos como *escravos* de Deus (6.24)? Por que o evangelho, novamente, pede emprestada esta imagem do mundo imperial, a que se opõe? (1) A imagem se aplica a todos os discípulos. Não há nenhum senhor (cf 23.10), nenhum governo sobre outros discípulos. Em vez de hierarquia

²³ CARTER, Households and Discipleship. p. 172-189 (apud).

²⁴ CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: Editora Paulus 2000. p. 507.

²⁵ WIEDEMANN. Slavery. p. 3 (apud).

²⁶ PATTERSON. Slavery and Social Death. p. 38-71 (apud).

²⁷ CARTER, Households and Discipleship. p. 184-189 (apud).

há igualdade de função, pois os discípulos procuram viver a vontade de Deus fielmente e para o bem recíproco. Escravização para Deus, não dominação de outros, caracteriza sua identidade e a estrutura social desta comunidade que encarna o império de Deus. (2) A imagem abarca dimensões da interação social dos discípulos. Os discípulos, como escravos, conhecem sofrimento e desprezo (5.10-12; cap. 10). Eles são obedientes à vontade de seu senhor (7.24-27; 12.46-50). (3) O discipulado compartilha uma estrutura temporal semelhante.²⁸ Os escravos vivem no tempo entre sua escravização e sua, ainda futura e esperada, emancipação ou libertação da escravidão. Os discípulos vivem no tempo entre seu chamado e a futura conclusão dos propósitos de Deus e sua justificação escatológica. (4) D. Martin mostrou que para alguns escravos, a escravidão constituía uma existência honrada.²⁹ A honra poderia ser derivada de servir um senhor prestigioso e benevolente (por exemplo, escravos na família imperial). Fílon se queixa do escravo Helicon, que influencia Caio Calígula contra a delegação judaica de Alexandria (Gaium 26.166-78, 203-6; cf Mt 6.24). Alguns escravos acumularam honra de habilidades indispensáveis (especialmente nos negócios e comércio, medicina e educação) por meio das quais o bem-estar do seu senhor era essencial para o deles mesmos. Ser um escravo daquele que é “Senhor de céu e terra” (cf Mt 11.25) proporciona grande honra por associação. Servir este senhor fielmente é a profissão mais sublime de um discípulo/escravo (cf Mt 24.45-51; 25.14-30), apesar do desprezo ou oposição. Serviço fiel garante justificação final.

Sobre esta perícopé Carter ainda afirma que: “O modelo (assim como) de serviço fiel para o bem dos outros é Jesus. *O filho do homem veio não para ser servido, mas para servir*”.³⁰

Podemos perceber a importância de uma minuciosa análise sócio contextual, a fim de podermos chegar o mais próximo daquilo que envolvia não somente a vida e as lutas sociais/espirituais dos discípulos, mas o que Jesus tem a dizer.

²⁸ Para discussão da escravidão como uma existência liminar, ver PATTERSON. *Slavery and Social Death*. p. 45-51, 293, 340; CARTER. *Households and Discipleship*. p.172-192,177-178,189-192. (apud).

²⁹ MARTIN. *Slavery as Salvation*. p. 11-30. (apud).

³⁰ “sua forma de serviço é expressa na segunda metade, dar sua vida/a si mesmo/sua existência como resgate para muitos... A sua morte não é a vitória da elite religiosa e política. Ele faz o que ele ensina aos discípulos fazer [...]”. CARTER. Warren. *O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens*. São Paulo: editora Paulus 2000. p. 508.

3. Análise conceitual da expressão escravidão no mundo bíblico e no tempo contemporâneo

“A ‘saída’ ou ‘êxodo’ da escravidão do Egito não é na história de Israel um evento qualquer. É o evento fundante do povo de Israel. Isto significa que Israel contava sua história a partir do êxodo (cf. 1Rs 6.1; Dt 9.7; Jz 19.30; Jr 7.25). porém, significa mais do que isto. Significa que o êxodo é para Israel um fato revelador. A partir do êxodo Israel conhecerá a Deus como Javé, o Deus que os libertou da escravidão”.

O texto tem como ideia esclarecer se existe a diferença entre os conceitos sobre o termo no período bíblico da Palestina e o conceito moderno sobre escravidão ou na modernidade “trabalho escravo”. Para uma melhor compreensão da análise do texto bíblico e não existir uma falsa ideia produzida pelo tempo.

Neste quesito Barros diz: “muitos criticam o termo Trabalho Escravo (TE), pois ele não é mais lícito. Há uma situação jurídica em que a escravidão é ilegal, portanto, não seria adequado em falar em trabalho escravo, mas em situação análoga à de escravo. É o termo utilizado pelo Código Penal Brasileiro (CPB). Na própria legislação internacional, há uma divergência. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), por exemplo, o denomina de trabalhos forçados. Observe-se abaixo, a diferença de denominações”.

Entidade	Denominação	Norma	Conceito
OIT/ 1926 E 1957	Trabalho forçado ou obrigatório	Convenção 29	Convenção 105 Todo trabalho exigido a uma pessoa mediante uma ameaça de sanção ou que não se apresentou espontaneamente
ONU/ 1948	Escravidão e servidão	Declaração Universal dos Direitos do Homem	Não se refere a conceitos, apenas prevê que ninguém será submetido a escravidão ou servidão
Brasil 1940 e 2003	Condição análoga a de escravo	Código Penal	Em 2003, prevê várias situações: trabalho degradante, por dívidas, forçados, com jornada exaustiva

ONU/1966	Escravidão e servidão	Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos	Apenas prevê que ninguém será submetido a tratamento degradante, nem a escravidão, nem a servidão nem a trabalhos forçados ou obrigatórios, mas ainda como na Convenção 29, permite esses trabalhos em algumas situações
OEA/1969	Escravidão, servidão, trabalho forçado ou obrigatório	Convenção Americana de Direitos Humanos (Pacto São José da Costa Rica)	Apenas se refere a que ninguém será submetido a tratamento degradante, nem à escravidão, nem a servidão, nem a trabalhos forçados ou obrigatórios, mas ainda como na Convenção 29, permite esses trabalhos em algumas situações
Tribunal Penal Internacional/2002	Escravidão	Estatuto de Roma	É o exercício de um poder ou de um conjunto de poderes que traduza um direito de propriedade sobre um ser humano, incluindo o exercício desse poder no âmbito do tráfico de pessoas, em particular mulheres e crianças

Percebe-se como, mesmo em legislações mais recentes, o termo escravidão ou trabalho escravo é presente. Mesmo centralizando o debate na escravidão por dívida.

Como essa não é exatamente a modalidade da escravidão que havia na Antiguidade, ela vem acrescida de vários termos como: Semi, branca, contemporânea, por dívida, ou, como prevê o Código Penal, condição análoga”.³¹

Já a escravidão nos períodos bíblicos era um modo de produção, e como tal, tinha seus impactos econômicos para a sociedade. Como modo de produção dominante, o escravagismo existiu no mundo antigo, apenas na Grécia, a partir do final do século V a.C. e início do século IV a.C. Seu ponto alto foi atingido em Roma, entre os séculos III a.C. a III d.C. Ali o escravo está totalmente incorporado aos meios de produção, sendo compreendido como “um tipo de instrumento que fala”, segundo o Teólogo Carlos Dreher. Em 146 a.C., a proporção populacional em Roma chega ao extremo de três escravos para cada cidadão livre. Neste modo de produção, ser escravo significa ser propriedade jurídica de outra pessoa. O escravo é mercadoria, e como tal objeto.

Dentro dos objetivos gerais deste texto, se faz necessário fazer uma análise sobre a terminologia veterotestamentária para “escravo”. Pois, a instituição da escravidão no Antigo Testamento é um fato.

O verbo *'EBED*, tem como significado “trabalhar”, “servir”. Com isso, designa qualquer tipo de trabalho ou serviço, tanto no âmbito profano, como no âmbito religioso. *'EBED* pode significar desde o escravo até o ministro do rei, ou o rei vassalo. Além disso, no campo religioso, designará qualquer pessoa que presta um serviço a divindade. Visto assim, o termo *'EBED* indica a condição de toda e qualquer pessoa em relação a um determinado senhor.

Caminhando do período da Palestina anterior a formação de Israel mesmo sabendo que são pouquíssimas as informações. Pois, o que sabemos, é que o sistema cananeu de cidades-estados representou uma formação social determinada pelo modo de produção tributária. Seus reis têm o poder garantido pelos egípcios a troco de tributos. Obviamente a sobretaxa sobre os súditos para equalizar as contas, que por outro lado, se veem na frente para pagar a fatura e sustentar a corte em sua “dívida externa”, através do fruto de seu trabalho. Por si só, essa situação de dupla tributação leva os camponeses a um crescente empobrecimento. Tal pauperização aumenta na Palestina do 13º século.

O processo de degradação social se aprofundou com a instituição da monarquia. Isto se dá, pela diferenciação social por conta dos avanços tecnológicos e econômicos. Embora a legislação do código da Aliança procura proteger os escravos, não consegue

³¹ FIGUEIRA. R.R. PRADO. A. A. GALVÃO. E.M. Privação de Liberdade ou Atentado a Dignidade: Escravidão contemporânea. Rio de Janeiro. Editora Mauad X. 2013, p.145,146.

mais deter o processo de estratificação social que se instala. Já no período exílico e pós-exílio, as condições dos deportados para a Babilônia em 597, 587, 582 a.C., pouco se sabe. Aparentemente não parecem ter sido escravos. Foram assentados em locais desabitados. Ali, tiveram que cultivar a terra, coisa esta que não tinham feito até então. Como elite estatal, haviam usufruído da produção dos camponeses, levando-os ao empobrecimento e a escravidão. No mundo bíblico podemos apresentar a escravidão da seguinte forma: Por um lado, temos os prisioneiros de guerra transformados em escravos. Tais prisioneiros podem ser comercializados. E em número bem maior aparecem os escravos por dívidas. Pessoas empobrecem em decorrência da tributação imposta pelas cidades sobre o campo. Os camponeses insolventes, vendem primeiramente suas mulheres e filhos, por último a si próprios, como escravos, para saldar suas dívidas. Da tributação que promove o empobrecimento faz parte, além da entrega da parte da produção agrícola, também a corveia, o trabalho forçado ou compulsório. Este, por si só, assemelha-se muito à escravidão³².

Com olhar no contexto histórico do tema escravo nos períodos bíblicos, sabemos que as condições legais do escravo hebreu entre os hebreus eram muito diferentes das do escravo estrangeiro: era manumitido depois de seis anos de serviço, se ele a quisesse; não podia ser tratado com dureza, nem despedido com as mãos vazias; se fosse comprado por um estrangeiro domiciliado no país, tinha direito de resgatar-se pelo valor estabelecido por lei (cf. Êx 21.2-6; Lv 25.43,47-55; Jr 34.8-16).

Existia uma lei especial regulando a escravidão das filhas vendidas por seu pai (cf. Êx 21.7-11). Todos os escravos hebreus, tanto os que se sujeitavam voluntariamente ao cativo perpétuo, depois de servirem seis anos, quanto os que ainda não tinham completado o seu tempo, ficavam livres no ano do jubileu (cf. Lv 25.40). Dreher afirma:

Essa provisão era aplicável mesmo nos casos em que os bens alienados voltavam à posse do primitivo dono, no ano da remissão. O escravo que voluntariamente preferisse voltar para casa de seu senhor, antes do jubileu, tornava-se novamente sujeito. O escravo estrangeiro possuía direitos garantidos por lei, não poderia sofrer castigo que o deformasse, ou que lhe causasse a morte (cf. Êx 21.20-21,26-27; Lv 24.17,22). No caso em que uma escrava fosse tomada para esposa, adquiria novos direitos na família (cf. Dt 21.10,14).³³

³² DREHER. A. Carlos. *Revista de Estudos Bíblico* 18. *Escravidão e Escravos na Bíblia*. Petrópoles: Ed. Vozes, 1988. p. 16.

³³ DREHER. A. Carlos. *Revista de Estudos Bíblico* 18. *Escravidão e Escravos na Bíblia*. Petrópoles: Ed. Vozes, 1988. p. 16.

Quais as leis e influências sofridas no período pós-exílio, até fundamentalmente no período do Império Romano, pois, foi o período em que Jesus especificamente viveu e conviveu com a escravidão.

A Palestina podia ser descrita como um conjunto de cidades dominadas e submetida ao poder romano. É possível afirmar que a maior parte da história judaica na Palestina do primeiro século envolveu protestos e resistências contra a política de dominação romana (Horsley, 1987: 33). As principais vítimas da política expansionista romana eram justamente os pequenos trabalhadores (camponeses, pescadores, operários...). Para eles, a dominação romana significava fundamentalmente uma pesada tributação e, mais do que isso, uma séria ameaça a sua existência, haja vista que muitos deles foram expulsos de suas terras, casas... (Horsley; Hanson, 1995: 43). Não é possível minimizar o período da dominação romana. Nela encontramos o cenário apropriado para a emergência de lutas, guerrilhas e sublevações populares contínuas. A Palestina era vista como um dos focos de rebeldia contra a expansão imperial romana. Poderíamos ainda acrescentar que na Palestina do primeiro século a situação econômica da população encontrava-se em queda vertiginosa, refletindo na deterioração da qualidade de vida. As pessoas mais vulneráveis viviam cercadas pela instabilidade e pela penúria. Horsley (1987: 29) descreve que a violência na região era “institucionalizada” porque havia sido determinada pela conquista imperial. Ele afirma que os romanos possuíam sua ideologia autolegitimadora de “defender seus amigos e aliados” e de levar “civilização” e “paz” para o resto do mundo. Todavia, a conquista imperial era marcada pelo uso abusivo da violência, chegando a dizimar populações e grupos ou escravizando-os.

Esta influência pode ser observada no NT e que pode servir de base para a compreensão da narrativa mateana. A compreensão deste sistema de opressão ajuda a compreender o ambiente no qual Jesus desenvolveu sua atividade missionária. Aprofundar o tema da escravidão à luz do sistema de dominação romana permite compreender certas ações e palavras de Jesus em favor dos “pobres”, não medindo palavras quando necessário enfrentar a situação: “Ide dizer a essa raposa: Eis que eu expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia terei consumado!” ao se referir a Antipas (Lc 13,32).

Considerações finais

Após uma análise preliminar e a exposição de intérpretes bíblicos, pode-se enxergar perfeitamente a discrepância analítica partindo de chaves interpretativas diferentes. De fato, a análise da narrativa mateana do diálogo da mãe dos filhos de Zebedeu com Jesus, permitiu compreender algumas linhas hermenêuticas atuais dentro do universo protestante.

Por um lado, uma escola cristã protestante conservadora que leva em conta os princípios adotados pelos reformadores Calvino e Lutero. Essa escola sinaliza uma análise metafísica do texto proposto, deixando de fora todo o contexto social que envolvia a vida cotidiana de Jesus de Nazaré, seus discípulos e seus ouvintes.

Foi possível, por um outro lado, apresentar uma outra perspectiva de interpretação do texto, onde se utiliza todo o contexto envolvido na perícopes, lançando luz sobre pontos importantes, que nos aproxima um pouco mais da mensagem que Jesus trouxe nesta passagem bíblica.

Entendo que este texto merece uma atenção mais apurada e é fruto de uma análise mais perspicaz, podendo aí sim, chegar a uma conclusão mais precisa sobre o que Jesus tem a dizer neste texto sobre a problemática da escravidão.

Referências

- ARTUSO.V. P. E. Análise da forma literária de Mateus 20.20-28 segundo a teoria de Klaus Berger. Curitiba. Revista de Cultura Teológica. 2016.
- BRUCE. F.F. Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Hagnos 2017.
- CARSO. D. A. O Comentário de Mateus. São Paulo: Shedd 2011.
- CARTER. W. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a Partir das Margens. São Paulo: Paulus 2002.
- CHAMPLIN. R.N. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. São Paulo: Hagnos 2002.
- FIGUEIRA. R.R. PRADO. A.A. GALVÃO. E.M. Privação de Liberdade ou Atentado à Dignidade escravidão contemporânea. Rio de Janeiro. Mauad X 2013.
- JEREMIAS. J. Jerusalém no Tempo de Jesus Pesquisa de História Econômico Social no Período Neotestamentário. São Paulo: Paulus 1983.
- KOPLITZ. M. H. Hebraic Analysis for Matthew 20.20-28. Academia.edu. 2020.
- PIXLEY. J. A História de Israel a partir dos pobres. Petrópolis. Vozes 2002.
- ROSSI. L. A. S. Cruz e Legião Romana: O imaginário Popular da Palestina do 1º Século. Periódicos Unifesp. 2018.

Recebido em: 10/03/2021
Aprovado em: 31/03/2021